

Posse de Aureliano mostra mais um volteio da história política

André Gustavo Stumpf

A posse de Aureliano Chaves na presidência da República mostra mais um surpreendente volteio da história política deste país. A retórica oposicionista que se fundamenta na desconfiança do gradualismo da abertura, com base em fatos concretos de que é exemplo o episódio do Riocentro, tende agora a modificar-se sobretudo depois que o vice-presidente em exercício fez um sólido discurso ao país, um discurso de presidente da República com recados dirigidos aos Três Poderes.

A surpresa pela tranquilidade com que se operou a mudança no plano mais elevado da administração pública não esconde alguns sobressaltos. Nos primeiros momentos após a notícia do enfarte os porta-vozes presidenciais ironizaram a necessidade de o vice-presidente assumir. A progressão e a extensão da doença mostraram, no entanto, a conveniência de adotar aquela medida.

Um militar graduado, que serve no Palácio do Planalto, dizia na quinta-feira passada não haver motivos para o clima de apreensão que se armou em torno da doença do presidente da República. Segundo ele, o Brasil é um país amadurecido, cujo regime político é capaz de absorver os traumas de um problema institucional grave como é este da doença do presidente. Pode ser que o país tenha amadurecido muito desde 1968 até hoje, mas o processo de maturidade está profundamente entrelaçado com as dificuldades de administrar o país em meio a tantas dificuldades.

A pacífica substituição do presidente por seu vice, que assumiu o cargo cheio de cautelas, tem pelo menos parte de sua explicação numa espécie de fastio que os militares mostram nos últimos tempos em relação ao governo. Depois de 17 anos de poder absoluto no país, o regime dos generais perdeu eficiência e não soube responder efetiva e rapidamente aos desafios econômicos e políticos. Os embaraços com as contas externas, com os números inflacionários só podem ter, hoje, comparação com o período João Goulart. E, ao que se pode entender, não foi para isso que houve o movimento de 1964.

A distensão lenta e gradual partiu da constatação de que seria cada vez mais difícil administrar centralizadamente um país das dimensões e da complexidade do Brasil. Além deste dado, seria impossível administrar o contencioso em que transformou o país através de uma gestão de gabinete. Isto foi possível naqueles momentos do milagre, quando tudo odeu certo para um governo, que conseguiu impor sua política sem qualquer tipo de consulta à sociedade.

A estratégia da abertura gradual tenta combinar duas linhas. Aquelas das impossibilidades com uma outra; da manutenção do poder nas mãos das pessoas que organizaram 64. Sempre é bom lembrar que se 64 revelar-se na forma de movimento militar, mas sua organização esteve em mãos de civis que tra-

taram de estruturar meios e modos para que os passeios dos tanques pelas ruas fosse eficiente. Na noite da sexta-feira em que o presidente Figueiredo teve o enfarte, houve uma espécie de ensaio geral deste estado de espírito na recepção que a Abrasca organizou no Rio de Janeiro. Empresários assustados diziam, em alto e bom som, que Aureliano Chaves não deveria assumir por causas das dificuldades do momento.

Neste dia não existe, como em 64, uma conexão entre militares e civis descontentes. Na verdade, uns e outros estão percebendo que o sistema de alianças entre o capital e a burocracia perdeu eficiência. Não há, agora, meios de repor a máquina estatal no caminho daqueles anos milagrosos do início da década de setenta. Quem, no Rio na sexta-feira, pediu o golpe terminou solitário, porque os tanques não foram para as ruas, nem seus comandantes desejavam fazê-lo.

Não há dúvida de que a posse tranquila e pacífica de Aureliano Chaves na Presidência da República completou um ciclo importante do processo de abertura política, embora não tenha sido, ainda, institucionalizado o sistema democrático no país. O gradualismo, este sim, deu um grande passo no sentido de clarificar um ambiente confuso e mostrar a disposição de quem respalda o governo de retornar às suas atividades habituais.

O vice-presidente em exercício demonstra ter pleno conhecimento deste cipoal de desejos contraditórios. Tanto assim é que concedeu-se um prazo de cinco dias, desde o enfarte, para assumir de fato a Presidência da República. Naquele período viu os ministros militares se reunirem, no Rio de Janeiro, e lá admitir a entrega do poder ao primeiro civil que ascende ao posto desde 1964. Ainda naquele prazo, Aureliano Chaves que manteve contatos telefônicos com praticamente toda a cúpula parlamentar do governo, pode perceber onde estavam localizadas eventuais resistências a transição pacífica do poder.

Diz Afonso Arinos de Melo Franco que Aureliano Chaves é uma espécie de touro meditado. Um enorme vigor físico une-se a uma postura cautelosa diante dos dados da realidade. No entanto, depois que dá um passo raramente o ex-governador de Minas Gerais abandona sua posição. A cautela, ele a demonstrou quando pediu a Francelino Pereira para retornar a Minas Gerais. O governador desembarcou em Brasília no domingo e, diante daquela solicitação, retornou no mesmo dia. E a determinação foi evidenciada no discurso de posse, em que lamentando a enfermidade do presidente Figueiredo assumiu, de fato, o posto e distribuiu recados para todos os setores da sociedade.

A transição do poder foi pacífica, mas para que o vice-presidente em exercício administre o poder com tranquilidade terá que recorrer a toda a sua habilidade.